



DEFESA DE Espinho

DIRECTOR: ANTÓNIO F. GAIO

SUBDIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

ANO 45 / N.º 2248 / 3 DE MAIO DE 1975 / PREÇO 3\$00



MUNICÍPIO DE
BIBLIOTECA M

ELEIÇÕES - O RESCALDO

SECÇÃO DE VOTO N.º

Um enorme cordão de pessoas, quase imóvel, ladeava a parede daquela escola primária. Com 70 anos de idade, ela sentia-se atemorizada com tanta gente. À sua frente, um indivíduo de cabelos grisalhos, cachimbo ao canto da boca, fato requintadamente vincado. Atrás, um homem de veste domingueira, amorrutada, mãos calejadas. Em que iriam votar?

Ela não o sabia. Tinha visto muitos cartazes afixados nas paredes da sua rua sombria e fria. Mas ignorava o que queriam os partidos. Tinha visto na Televisão, um senhor de sorriso angélico, cabelo platinado, mãos cruzadas em ar de prece, falar de paz e de amor. Dizia palavras bonitas. Mas ela nunca tinha votado. Era a primeira vez.

Os anos tinham-lhe vergado o corpo. A sua vida eram as panelas fumegantes, os pratos engordurados, a água a ferver, a roupa suja, o pó. Dias em cima de dias, passados entre quatro paredes. O sabão tinha sido substituído por detergente. Pós azuis, brancos, de várias cores, em embalagens vistosas, atraentes. A maior parte dos fogões a lenha tinham dado lugar a complicadas máquinas, que funcionavam a gaz ou a electricidade.

As pessoas avançavam lentamente naquela manhã de sol. Entrou na sala. Ao fundo uma mesa comprida. Atrás uns senhores de ar sisudo, mexiam em papéis. Em cima da mesa uma caixa preta. Deveria ser ali onde se metiam os votos. Mas ela tinha medo!

As pessoas com ar solene dirigiam-se para a mesa. Diziam o seu nome. Logo dois homens folheavam violentamente uns cadernos largos, de grandes folhas. Um outro senhor, recebia os bilhetes de identidade e entregava um papel, de pequenas dimensões. As pessoas corriam, imediatamente, para trás dumas tábuas acastanhadas.

Era complicado votar! Ela não sabia o que fazer! Quando chegou a sua vez tremeu. Ouvia mal. Não percebia nada do que aqueles homens diziam, ou faziam.

Entregou o bilhete de identidade, amarelo, gasto pelo tempo como ela. Recebeu o papel. Tinha muitos nomes, muitos símbolos. À frente de qual haveria de marcar a cruz?

Na cabine ao lado alguém falava em voz alta. Recomendaram silêncio. Mas essa voz insistia, perguntava onde estava o partido da «bolinha ao centro». Pediram que lhes entregasse o papel.

Ela não queria levantar escândalos. «Bolinhas» ou «setinhas» eram para ela a mesmíssima coisa. Deitou a cruz ao acaso. Dobrou, amarrotou o papel. E com passos trôpegos entregou-o a um senhor de fartos bigodes, que o meteu imediatamente dentro da caixa preta.

Já se podia ir embora. Onde tinha votado? Não sabia. Apenas esperava que os seus netos, quando chegasse o tempo de votarem, soubessem bem aonde e como o fazer.

M. G.

E DEPOIS DAS ELEIÇÕES?

Falar de eleições mais uma vez é, com certeza, correr o risco de nada de novo dizer. Mas esse é um risco a correr quando o que se pretende dizer se prende, muito mais do que com o processo eleitoral, com a análise das consequências que dele poderão advir. Muito mais do que saudar o tão celebrado civismo ou vitoriar opções políticas determinadas, importa repensar um pouco a forma como o processo se desenvolveu para tentar encontrar nele uma dinâmica que se continue, sob outras formas, para além do momento excitante de colocar a cruzinha no quadrado mais ou menos conscientemente escolhido. É que, na verdade, as eleições não têm justificação em si próprias, o acto de eleger é, por si só, pouco significativo. Onde a participação eleitoral começa a ganhar o seu verdadeiro alcance é quando o cidadão, consciente de que votar é uma forma de participar, recusa a posição cómoda e extremamente fácil de se limitar, a intervalos regulares, a colocar um voto numa urna.

Por outras palavras: o processo eleitoral tem vantagens e desvantagens. Concretamente, no caso a que acabamos de assistir, parece poder afirmar-se que é difícil ainda destrinçar se houve mais vantagens ou mais desvantagens. É que, para além da vantagem evidente de ficar reconhecido por um autêntico referendo popular o caminho socialista proposto pelo M.F.A. e pelos Partidos Progressistas, falta agora averiguar se aquilo que

terá sido a vantagem maior — a participação, pela primeira vez em tantos anos, na vida política do país por amplas massas populares — irá continuar, agora sob formas diversas das eleições e talvez bem mais importantes. Ou será que se põe a pergunta de a partir de agora a margem de manobra do processo em curso ficar irremediavelmente subordinada à movimentação das opções apenas em redor de eleições?

Se pensarmos na gigantesca operação que, até do ponto de vista técnico, a campanha eleitoral representou, se fizermos um cálculo mental dos milhares de militantes e activistas que trabalharam arduamente para o seu Partido, se olharmos de relance as multidões que acorreram aos milhares de comícios e sessões e se enquadrarmos toda esta movimentação dum espírito de verdadeira redescoberta do acto político como valor superior dum sociedade e do compromisso activo como definição dum forma de estar perante a vida, então a pergunta inevitável há-de ser: e agora? voltar a casa, à vida normal da televisão e pantufas?

É, evidentemente, necessário aproveitar a dinâmica gerada pelas eleições. É, certamente, urgente dar-lhe um novo conteúdo, mais rico, mais exigente, que não se fique apenas pelo aplauso entusiasmado perante oradores mais ou menos inflamados ou pela colagem de cartazes

(Continua na pág. 2)

Como votou Espinho

| | PS | PPD | CDS | PCP | MDP/CDE | MES | PUP | FEC |
|----------|-------|-------|-------|-------|---------|-----|-----|-----|
| Espinho | 2 922 | 2 407 | 942 | 674 | 326 | 97 | 27 | 30 |
| Anta | 1 613 | 1 034 | 172 | 246 | 200 | 19 | 11 | 16 |
| Guetim | 259 | 333 | 55 | 25 | 20 | 7 | 3 | 1 |
| Paramos | 942 | 541 | 69 | 170 | 72 | 18 | 3 | 13 |
| Silvalde | 2 355 | 626 | 132 | 287 | 100 | 19 | 19 | 9 |
| TOTAIS | 8 091 | 4 941 | 1 370 | 1 402 | 718 | 160 | 68 | 69 |

Os Bonecos do Falcão

AGORA QUE ACABARAM AS ELEIÇÕES, QUE TAL SE FOSSEMOS AOS GAMBUZINOS?



E depois das Eleições? O que é segurança?

(Conclusão da 1.ª página)

a altas horas da noite. É, logicamente, imperioso aproveitar todo o clima que se criou e pô-lo ao serviço de tarefas nacionais. Ou então, não teremos ultrapassado a simples psicose eleitoral que, em certos casos, parece ter tido muito de semelhante à psicose futebolista. Ou então estaremos a prestar um mau serviço aos Partidos, enquanto eles são, ou afirmam ser, a estrutura organizada de amplas massas populares. Ou, lamentavelmente, estaremos a adiar mais uma vez o momento em que este Povo há-de tomar o destino do País nas suas mãos e vigiar arduamente a construção duma democracia, dum socialismo que escolheu, mas que poderá ainda ser vítima de alguns que se arvorem em construtores isolados daquilo

que só construído por todos será certeza. Assim como o M.F.A. não voltou aos quartéis, conforme muitos desejavam (e talvez desejem agora em relação ao povo algo de semelhante...), também nós não podemos voltar a casa enquanto esta «casa» colectiva precisar da nossa luta. Neste momento a nossa casa é muito mais do que apenas o lar, ela está com certeza onde quer que o nosso esforço seja razão do avanço do processo revolucionário. Abandoná-la seria trair a grande oportunidade que agora existe, e correr o risco de mais uma vez nos termos de remeter ao silêncio do lar como refúgio perante uma realidade que não sabemos reconstruir de acordo com o símbolo colectivo.

A. S.

Actividades do Núcleo de Espinho da Associação Portugal—R. D. A.

GRUPO «SPARTAKUS»

O Núcleo de Espinho da Associação PORTUGAL—RDA promove no Teatro São Pedro no próximo dia 4 de Maio, domingo, pelas 18 horas e 30, um «Festival da Canção Política», pelo grupo SPARTAKUS, da República Democrática Alemã. Este agrupamento, galardoado com significativos prémios, entre eles o Prémio artístico da FDJ (organização de juventude da RDA e o título de «Grupo de Arte Colectiva Popular da RDA»), fez já com pleno êxito, digressões à URSS, Checoslováquia, Polónia, Cuba e Itália.

O grupo «Spartakus» é constituído por 2 guitarras, 1 bandolim, 1 acordeão, 1 guitarra-baixo, 1 banjo e instrumentos de percussão. Integram-no 8 jovens: 5 raparigas e 3 rapazes.

O seu repertório é composto por temas do folclore internacional, canções de trabalho e luta, canções de amor e árias, harmonizadas pelo próprio grupo, e que dizem respeito fundamentalmente ao desenvolvimento económico, social e político da RDA.

Os preços são verdadeiramente populares: desde 40\$00 (cadeiras de orquestra) a 10\$00 (geral).

Cantam em português, entre outros números, a Grândola, a Internacional, o Abril

em Portugal, etc., e ainda, como curiosidade, o «Avante, camaradas», em alemão.

Os associados da «Associação Portugal-RDA» têm 50 por cento de desconto nos preços tabelados.

COMÍCIO EM COMEMORAÇÃO DO 30.º ANIVERSÁRIO DA QUEDA DO FASCISMO

Na próxima quarta-feira, 7 do corrente, o Núcleo de Espinho da «Associação Portugal-RDA», promove, no «Salão Nobre da Piscina de Espinho, pelas 21,30, um comício, em comemoração do 30.º aniversário da queda do fascismo, em que intervirão, além de elementos locais e da Direcção da Associação, de Lisboa, 3 destacados elementos da RDA, a saber: o presidente da «Cidade de Aço» e vice-presidente do Comité Antifascista da RDA, um elemento do secretariado da Liga para amizade com os povos estrangeiros, da RDA, e um grande amigo do nosso país, Karlheinz Barck, insigne humanista e romancista e membro da Academia das Ciências da RDA.

Dada a transcendência desta iniciativa, que será ilustrada pela projecção de «slides» e filmes de curta metragem, solicita-se a comparência de todos os antifascistas espinhenses, que o núcleo local da associação antecipadamente agradece.

Humor Político

O senhor Caracol

Metido na concha, o sr. Caracol, naquela manhã de 25 de Abril, mal ouviu os comunicados a dizer que as coisas lá por Lisboa tinham mudado, pegou num pouco de baba e zás — tapou o buraco de entrada da concha. Ali ficou quase um mês à espera que as coisas assentassem. Não se viu nas manifestações do 1.º de Maio, muito menos nas de apoio ao Governo ou à Junta Militar. Fechadinho dentro de si, magicava:

— Ora bem. Desta é que foi de vez. Isto mudou e não há hipóteses. Ainda se isto fosse a passo de lesma ou de... caracol! Mas não. Isto vai depressa, depressa demais. Está mau. Tenho que pensar no que vou fazer. Sobre tudo tenho que fazer esquecer às pessoas que era da situação e que um caracol, apesar de ir devagar, até acredita no progresso social...

Depois, dentro da concha, muitos foram os que conspiraram. Tomaram forças e, com a lentidão de caracol, foram organizando uma manifestação de caracóis silenciosos, pacíficos, muito ordeiros que, arrastando-se por aí fora, procuravam chegar aos outros caracóis que lá, pela capital, se moviam nos gabinetes.

Acabaram por ser espezinados e com as conchas rachadas, aqui e além coladas por um fio de baba, uns foram parar à cadeia, outros ainda desta escaparam. Aconteceu assim com o sr. Caracol desta história...

Aí, o caracol, fechou-se de novo em si, viu que a coisa era definitiva e que só havia uma solução: escrever por fora de sua concha «Viva a Democracia» e colar-lhe uns cartazes de um partido Democrático

Inscreveu-se num deles: naquele onde se pode estar sem medo porque a gente pode ser caracol à vontade. É-se democrata e, pronto, já chega (quem é que não é democrata!) e pode-se continuar a pensar como dantes, que os chefes desse partido também se não importam... O que é preciso é votar. Um caracol, um voto; dois caracóis, dois votos (mesmo que não saibam o programa não interessa).

Um caracol, um voto, muitos caracóis, muitos votos, milhões de caracóis, milhões de votos...

Agora, sim, agora o sr. Caracol é feliz. Rebola-se ao sol, diz que não há baba como a dele e sobretudo tem a consciência descansada: soube ser democrata quando foi preciso — depois do 25 de Abril!

Ah, já me esquecia: não deixa dormir ninguém lá no bairro! Anda a colar cartazes que nem um doído e grita todo o dia: «O Partido do Caracol oferece um lugar ao Sol...» Como no reclame da Torralta!

(In «VOUGA LIVRE»)

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218

ESPINHO

Segurança — é a diferença entre um sorriso e uma lágrima.

Segurança — é algo que deve actuar e proceder exactamente antes que um acidente ocorra.

Segurança — é aquilo que evita dores, penas e miséria, as quais somente o trabalhador pode possuí-las, mas também evitá-las.

Se você tem capacidade para pensar, para estudar o modo de fazer um trabalho correctamente e além disso possui amor pelos seus semelhantes, pela sua família, pelo seu lar, pelos seus companheiros, indubitavelmente não poderá ser senão um trabalhador que actua com segurança.

Se pensar no que acabou de ler, actuará tendo em mente, como ponto fundamental, a prevenção de acidentes.

Antes de realizar um trabalho esteja seguro de «como» e do «porquê» do que está fazendo e estará devidamente protegido.

ACTUE COM SEGURANÇA E EVITARA ACIDENTES IRREPARÁVEIS.

► ESTABELECIMENTO DE
MÓVEIS E DECORAÇÕES
► ESPECIALIDADES EM MOBÍLIAS DE ESTILO SÉC. XVII



JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667—Tel. 921325—Espinho

PRECISA-SE

Urgente — 100 contos com amortizações mensais. Resposta à Redacção ao n.º 80 indicando o juro

VENDE-SE Apartamento

Com 3 quartos, 2 quartos de banho, Sala Comum, garagem, etc.
Rua 30 n.º 500 — ESPINHO
Falar na R. 23 n.º 360 - Tel. 921943

COMPRA-SE

TERRENO
em Espinho para construção
Telefonar para o n.º 920658

PASSA-SE Café Copélia e Restaurante

Rua 3 n.º 808 — ESPINHO

Motivo à vista

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOSÉ JOÃO MAIA
JOSÉ PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração

RUA 19 — N.º 62

TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão

OFICINAS GRÁFICAS DA CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630 PORTO

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro:

Certifico que, por escritura de hoje, lavrada a folhas 72 verso do livro de notas para escrituras diversas D-9, deste Cartório, Manuel da Silva Ribeiro e Carminda Valente, rectificaram o artigo terceiro do pacto da sociedade «MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LIMITADA», com sede nesta cidade, na Rua 29, 714, constituída por escritura de 21 de Março de 1975, a qual passa a dizer:

TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado, é de trezentos mil escudos e para ele concorreram os sócios com uma quota, cada um, do valor nominal de cento e cinquenta mil escudos.

Parágrafo único — A quota da sócia Carminda Valente foi subscrita em dinheiro e a do sócio Manuel da Silva Ribeiro é representada pela importância de cinquenta mil escudos em dinheiro já entrado na caixa social e pelo estabelecimento de bate-chapas e pintura de automóveis, que transfere para a sociedade, no valor de cem mil escudos com todas as suas licenças, alvarás e demais elementos que o integram, instalado no prédio inscrito sob o artigo mil quinhentos e dez, de Espinho, rua vinte e nove, setecentos e quinze, com o rendimento colectável de dezassete mil duzentos e oitenta escudos, não descrito na Conservatória.

É fotocópia parcial que extrai e vai conforme ao original, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Espinho e Cartório Notarial, 27 de Março de 1975.

A Ajudante do Cartório,

Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho

N.º 2248 — Defesa de Espinho — 3-5-1975

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.
Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes
Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.
Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)
Telefone de urgência 922329
Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

Comissão de pais

A Comissão de Pais de alunos da Escola Masculina n.º 1 de Espinho continua a desempenhar uma tarefa entusiástica a que não temos deixado de prestar o nosso mais caloroso aplauso. Impõe-se que os pais dos alunos das outras escolas atentem bem neste exemplo, se desloquem à velha Escola da Feira, vejam com os seus próprios olhos, ouçam com os seus próprios ouvidos e sigam o exemplo precioso que existe na rua 19.

Há dias a dinâmica Comissão de Pais reuniu-se com a Comissão Administrativa da Câmara e com o Centro de Assistência Social de Espinho para debater diversos problemas e expor alguns dos seus projectos, entre os quais sobressai o

de tentar fornecer aos alunos, no intuito de combater a subalimentação, diariamente, um copo de leite, um pão com queijo ou manteiga e fruta. Das contas calculadas chegou-se ao número global de 1100 contos anuais, para mil crianças das escolas da freguesia de Espinho, em duzentos dias de actividades escolares. Verba tão avultada não está na capacidade do Centro de Assistência Social nem da Câmara, pelo que esta resolveu abordar o Instituto de Acção Escolar do MEC no sentido de obter o seu contributo pois será insuficiente aquilo que Centro e Câmara possam participar ou a ajuda que venha a ser angariada dos pais com melhores possibilidades financeiras.

Cabines telefónicas

Se o nosso espírito de observação não nos falha, existem, em toda a área da cidade, apenas duas cabines telefónicas públicas: na passagem subterrânea da rua 19 e, na mesma rua, frente à Escola Primária. Ora temos de concordar que para um aglomerado urbano do tamanho de Espinho é pouco de mais.

Não poderão os Telefones de Lisboa e Porto examinar o problema e, em locais estratégicos, instalar mais algumas cabines telefónicas, facilitando a vida a muitas pessoas que nem sempre se sentem à vontade para utilizar os estabelecimentos ou incomodar particulares das suas relações?

DO HOSPITAL

Movimento de 22.4-75 a 29.4-75

| | |
|----------------------|-----|
| Internamentos Gerais | 30 |
| Exames Radiográficos | 138 |
| Crianças Nascidas | 20 |

Intervenções Cirúrgicas

| | |
|----------------|---|
| Obstetrícia | 3 |
| Cirurgia Geral | 3 |
| Ortopedia | 2 |
| Otorrino | 3 |

Serviço de Urgência

| | |
|----------|-----|
| Homens | 205 |
| Mulheres | 177 |

Internados entre outros

Helena Maria Sousa Monteiro Reis Rocha, para Obstetrícia, de Espinho;

Claudino da Silva Mateiro, de Anta, para Medicina.

SERVIÇO CÍVICO ESTUDANTIL

Tem chegado ao conhecimento da Comissão Coordenadora do Serviço Cívico Estudantil, que diversos organismos, em todo o País, estão a aceitar a colaboração de estudantes candidatos ao 1.º ano da Universidade, em diversas actividades, considerando-as no âmbito do Serviço Cívico.

Esclarece-se que só esta Comissão poderá decidir, de acordo com as entidades competentes, se determinada tarefa pode ou não ser considerada Serviço Cívico, pelo que os estudantes se deverão certificar se o organismo em que trabalham entrou já em contacto com a Comissão Coordenadora deste Serviço. Caso o não tenham feito ainda, deverão estes organismos comunicar a tarefa que propõe para os estudantes e os nomes destes à Comissão Coordenadora do Serviço Cívico Estudantil, Av. Miguel Bombarda, 20 — r/c — Lisboa, para que a mesma possa ser analisada com vista a uma decisão final.

★

Todos os estudantes inscritos no Serviço Cívico Estudantil que estejam interessados em realizar, no âmbito deste, animação junto das populações, ou dar apoio à montagem de instalações mínimas desportivas, ou participar no levantamento da carta desportiva, deverão contactar com as Delegações Distritais da Direcção-Geral dos Desportos ou com a Comissão Coordenadora do Serviço Cívico Estudantil, Av. Miguel Bombarda 20 — r/c — Lisboa 1. No distrito de Lisboa poderão dirigir-se à Direcção-Geral dos Desportos, Av. Infante Santo, 76 — 4.º — Lisboa.

PELA PSP

Relação de achados na via pública e em outros locais, que se encontram depositados nesta Polícia, à disposição de quem provar pertencer-lhes:

- Vários pares de óculos;
- Várias chaves e porta-chaves;
- Um saco com as iniciais «TAP», com um rádio portátil e uma toalha;
- Um tampão próprio para roda de automóvel;
- Certas importâncias em dinheiro e alguns porta-moedas também com dinheiro;
- Um velocípede sem marca, nem chapa de matrícula (simples);
- Um animal de espécie canina;
- Uma pulseira em alumínio;
- Uma boina tipo espanhol;
- Uma carteira de mão própria para senhora;
- Uma carteira em pano branco, com lápis de carvão;
- Um chinelo próprio para senhora;
- Um casaco de fazenda, próprio para rapaz;
- Um saco com as iniciais «TAP», com roupas;
- Uma cadeira própria para bebé;
- Uma carteira com esferográficas e um pente;
- Um estojo próprio para secretária;
- Algumas bolas de futebol em plástico;
- Um guarda-chuva próprio para homem;
- Uma pulseira em ouro própria para criança;
- Uma camisola em malha;
- Uma lancheira em napa preta;
- Uma pulseira em ouro, própria para homem;
- Um porta-chaves com chaves e emblema do PCP;
- Uma roda completa de viatura automóvel.

STE — SOCIEDADE TURISMO DE ESPINHO, S. A. R. L.

Sede em Espinho

Convocatória

Convoco os Senhores Accionistas desta Sociedade para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no dia 17 de Maio de 1975, pelas 11 horas, numa sala do Hotel PraiaGolfe, à Rua Seis, desta cidade, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º Apreciar, aprovar ou modificar o balanço e contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, respeitantes ao exercício de 1974;
- 2.º Proceder à eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1975 a 1977;
- 3.º Deliberar sobre a mudança da sede social.

Não comparecendo, à hora marcada, número suficiente de accionistas e de capital representado para a Assembleia poder funcionar legalmente, fica, desde já, convocada para segunda reunião, no dia 31 de Maio de 1975, à mesma hora e no mesmo local, com a mesma ordem de trabalhos, podendo funcionar a Assembleia com qualquer número de accionistas e de representação de capital.

Espinho, 21 de Abril de 1975.

O Presidente da Assembleia Geral (em representação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Espinho)

Jerónimo Ferreira Reis

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

5.º TURNO

Hoje, sábado, — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 92031.
Amanhã, domingo — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;
Segunda-feira — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320;
Terça-feira — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 9.0092;
Quarta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352;
Quinta-feira — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;
Sexta-feira — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 3 — O FURAÇÃO DO KARATÉ — 18 anos;
Amanhã, domingo, 4 — IRMA LA DOUCE, com Shyrlay McLaine e Jack Lemon — 18 anos;
Terça-feira, 6 — O GOSTO DA VINGANÇA, com Joan Collins e James Booth — 18 anos;
Quinta-feira, 8 — BATOTA NO JOGO, com Michael Caine e Elizabeth Scott — 18 anos;
Sexta-feira, 9 — O ESQUADRÃO INDOMÁVEL, com Ray Scheiter e Tony lo Bianco — 18 anos;

CASINO

Hoje, sábado, 3 e amanhã, domingo, 4 — QUERIDOS PAIS, com Maria Schneider e Florinda Bolkan — 18 anos;
Segunda-feira, 5 — A CASA DOS PECADOS, com Nicole Courcel e Anice Alvina — 18 anos;
Quarta-feira, 7 — NA PISTA DA DROGA, DE ISTAMBUL E NOVA YORK, com Ben Gazzara e Silvana Monti — 18 anos;
Sexta-feira, 9 — CHEIRO A DÓLARES, com Robert Malcon e Rosalba — 14 anos.

FALECIMENTOS

AMÉRICO VIEIRA PINTO

Na sua residência nesta cidade faleceu no passado dia 23, o sr. Américo Vieira Pinto, de 59 anos de idade, casado com a sr.ª D. Maria José Pereira Bártolo, pai de Carlos Luís Pinto e de Maria do Nascimento Pinto, sogro de D. Felicidade Pessoa e de Henrique Duarte Ferreira, irmão de Carlos, Aurélio, Felício, D. Emília, D. Umbelina e D. Conceição Vieira Pinto.

O funeral teve lugar no dia seguinte da sua residência à Igreja Matriz, e daí ao cemitério municipal.

A família enlutada endereçamos as nossas sentidas condolências.

Faleceram ainda nesta Cidade

Luís Tavares, de 88 anos, viúvo de Elisa Gomes da Silva;
José Gomes, de 54 anos, viúvo de Palmira Rosa de Jesus;
Beatriz da Paixão, de 69 anos, viúva de Francisco Pereira da Silva.

NASCIMENTOS

Maria Isabel, filha de José Fernando Nunes da Silva e de Aurora Pinto da Rocha Oliveira;

Diana, filha de José Manuel Pereira Gomes e de Maria Madalena de Jesus Gomes Oliveira.

Agradecimento

RAUL DINIZ DE CARVALHO

Sua Família julga ter agradecido a todas as pessoas amigas que assistiram ao seu funeral, bem assim à Missa do 7.º Dia, mas podendo ter cometido qualquer falta, vem por esta forma repará-la, manifestando a todos o seu muito reconhecimento.

A DEFESA precisa de mais assinantes

SNACK BAR **S. PEDRO**

RESIDENCIAL **PORTO** Aberto toda a noite com cozinha permanente

1.ª Classe

Telefones 920294 - 920391 - Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

VENDE-SE

CASA em ESPINHO

Res-do-chão e 1.º andar

Na Rua 16 entre as ruas 15 e 62
Falar a José Oliveira - Telef. 920098

NOVAS PERSPECTIVAS?

O título que propomos para o presente artigo será talvez pretensioso, pois representa a pergunta efectuada por milhões de portugueses, preocupados, por falta de esclarecimento político, com o futuro deste nosso país. E nós dizemos pretensioso porque pressupõe imediatamente uma série de respostas que, pelo menos, satisfaçam as incertezas e as dúvidas reinantes no espírito de grande parte do nosso povo.

Um ano após a queda do regime opressor a situação política e económica portuguesa cifra-se por uma série de conquistas obtidas sobre o domínio do capital monopolista, grande baluarte do regime anterior, e que foram a nacionalização da banca e dos seguros, e alguns dos sectores base da nossa economia e o início da reforma agrária, conquistas que marcam o início da transição para o socialismo, assegurada pelas forças políticas da esquerda e pelo órgão revolucionário que é o Conselho Superior da Revolução. No entanto, e ao contrário do que certos políticos bem conhecidos afirmam, o capitalismo ainda não foi destruído em Portugal. Apesar dos esforços desenvolvidos pelas forças políticas progressistas em profunda união com o M.F.A., o qual revelou já a firme disposição de construir o socialismo como forma superior da democracia, as graves contradições existentes no seio da nossa sociedade, atrasam como não podia deixar de ser, a evolução do processo revolucionário. As forças políticas de direita, apoiadas por outros sectores conservadores defendendo uma ideia de democracia que apenas corresponde à conservação do capitalismo como única forma de manter as suas posições privilegiadas, revelam que não estão verdadeiramente interessadas na construção do socialismo em Portugal. Não

é preciso ser-se muito esperto para notar a coincidência das suas posições políticas com as razões invocadas por António Spínola aquando da tentativa reaccionária de 11 de Março. Não nos deixemos pois iludir por frases enganosas. A experiência de toda a história universal ensina-nos que quando se instaura um regime verdadeiramente democrático, um regime socialista, é inelutável o desenvolvimento de uma larga e desesperada resistência por parte dos exploradores, daqueles que sempre viveram à custa do trabalho dos outros, à custa do povo, que lutam por conservar os seus privilégios. A organização socialista do Estado, o verdadeiro Socialismo, deve estar adaptada e organizada de tal modo que permita o esmagamento dessa resistência reaccionária. É por isso que poderemos dizer que a liberdade no Socialismo só existe enquanto não é utilizada em prejuízo da sociedade e da Nação. As minorias, que pretendem privar da liberdade o Povo, devem ser cortadas todas as liberdades de o fazerem.

No momento que vivemos vamos assistir a uma definição mais clara de posições por parte das grandes forças políticas existentes, nomeadamente os partidos da coligação.

Novas perspectivas?

Na nossa opinião muitas. O processo revolucionário não parou. A revolução democrática nacional continua rumo ao Socialismo, ao Verdadeiro.

Para impedir que alguém o possa parar, estamos nós, o Povo Português que unido ao M.F.A., conseguirá resolver todos os obstáculos que surjam pelo caminho.

J. M.

RECADO

Para ti, que te perdes e te descobres, para ti, no cume da serra agreste, no braseiro da planície, no cimo duma vaga traiçoira, no silêncio negro duma mina ou dominando a máquina que te consome, vai o meu gesto de esquecer.

Perdoarás certamente a falta em que tenho vivido. Longe de ti, as coisas tomam o sabor dum espectáculo.

Como poderei esquecer a tua face parada à custa dos longos anos em que correu em ti o rio do silêncio, como esquecer a tua boca triste onde se desenhava o destino, a tua frente que teimosamente se inclinava para a terra e a terra reflectia-se no espelho dos teus olhos de pedra, os teus cabelos açoitados por chicotes de vento, o teu corpo flagelado por esperanças mortas...

Quantos me falam hoje de ti sem que alguma vez caminhassem a teu lado. Sabem que vives através de postais ilustrados que cada um pinta segundo a sua peleta. Os que te abandonaram no tempo em que caminhavas sem caminhos, agora que têm largas rodovias por onde correm ligeiros, pararam de repente porque faltavas tu. Falam-me de ti, tentam ressuscitar-te na memória do tempo esquecendo-se que no teu peito ainda se abrem os golpes que eles próprios te vibraram. Tentam salvar-te à última hora com remédios de veneno. Não queiras que te curem para a morte que te desafia nas suas palavras pintadas.

Muitos dos que sofregamente deslizam pela vida, colaram fotografias tuas nas paredes das casas da cidade. Mas o que colavam eram apenas espelhos. Do outro lado estavas tu. Espessos são os muros das casas da cidade!

O dia não tarda a apagar a luz do meu candeeiro, o único aceso em toda a cidade. Todos se vão levantar deixando entre os lençóis o perfume suave duma noite de gestos. Os automóveis vão correr rápidos e tu vais-te descolando das paredes porque de noite choveu.

Daqui a pouco, quando eu sair, vou recolher o que resta de ti na cidade. De cada fotografia tua vou erguer barcos de papel e hei-de fazer tantos que irás afogar a cidade inteira.

Enfim, é dia.

A. F.

SERVIÇO CÍVICO ESTUDANTIL — Conclusão

PRAIA DA AGUDA

Deixamos a Maria de São Luís e o António Moreira, juntamente com outros estudantes a cuidarem dos miúdos, e tentamos desviar alguns para nos dizerem qualquer coisa. Depois de tremenda luta contra a fobia do microfone do gravador que todos sentiam lá conseguimos recolher:

«Sou o José Luís Salgado Guedes. Tenho seis anos.» (O tipo característico do miúdo esperto, mas «reguila»).

«Gosto muito disto. Fazemos a cópia, desenho, contas...»

D. E. — Está bem. Mas depois dos deveres o que fazem?

«Vamos lá para fora fazer corridas e outras brincadeiras.»

O José Luís foi-se e perto de nós estava uma rapariga de cabelo curto, óculos encavalitados no nariz, olhando demoradamente para o gravador.

«Chamo-me Isabel Maria dos Santos Araújo. Tenho 7 anos.»

Gosto muito de vir para aqui. Fazemos os deveres, fazemos desenhos e depois fazemos jogos: corridas, jogo das cadeiras, lencinho...»

D. E. — Tens escola à tarde, não é?

«É.»

D. E. — Se não estivesses aqui, onde estavas e o que fazias?

«Estava no colégio a estudar.»

Muitos dos pais na Aguda põem os miúdos ou em mestras ou num colégio de religiosas que lá existe, onde os miúdos ficam durante a parte do dia em que não têm aulas.

Os menos abastados (esmagadora maioria!) deixam pura e simplesmente os miúdos abandonados na rua, enquanto vão trabalhar. É aqui que está o valor maior desta iniciativa.

Mas a Helena estava perto de nós:

«Chamo-me Maria Helena Ferreira Ávila. Tenho 8 anos e ando na 2.ª classe.»

«Gosto de estudar e fazer trabalhos manuais. Depois gosto de brincar. Costumamos brincar às corridas, ao jogo dos números, teatro...»

D. E. — Se não estivesses aqui, o que fazias?

«Estudava e trabalhava na costura.»

A Maria Helena juntou-se aos seus camaradas e apareceu-nos um miúdo muito parecido com o José Luís, atrás entrevistado. Era o Rui, um dos seus 9 irmãos!!!

«Chamo-me António Rui Salgado Guedes. Tenho 8 anos e ando na 1.ª classe.»

Gosto muito do que se faz aqui. Os deveres, o xadrez e as damas e o desporto. Gosto muito também de fazer aviões de papel que a Tina me ensina.»

(A Tina é uma estudante.)

D. E. — Se não estivesses aqui o que fazias?

«Estava a brincar em casa.»

D. E. — Em casa?

«...ou na rua. Costumo brincar com os meus irmãos. Somos 9.»

Deixamos os miúdos e fomos contactar com a D. Maria Helena Clemente, moradora em Espinho e professora da escola primária da Aguda. Foi ela uma das grandes peças-chave para a organização do Centro.

«Isto partiu tudo da necessidade de as professoras sentiam em que as crianças fossem acompanhadas no tempo extra-escolar. As mães iam vender o peixe, os pais estavam no mar e as crianças andavam por aí no areal no tempo em que não tinham aulas. Assim as que tinham escola à tarde, de manhã vagueavam, e as que tinham de manhã, faziam o mesmo de tarde.»

Nós nunca tivemos possibilidade de remediar a situação, porque não tínhamos mesmo ninguém que tomasse conta das crianças, quer por motivos financeiros, quer por outros, e quando surgiu então o Serviço Cívico, pensamos em completar esta lacuna com a ajuda dos rapazes e raparigas que o iam prestar.

Foi então que tivemos contactos com alguns estudantes de Espinho...

D. E. — Desculpe, mas porquê estudantes de Espinho?

«Foram estudantes de Espinho, porque era onde eu residia, portanto onde poderia estabelecer contactos mais rápidos e facilmente.»

D. E. — Quais as dificuldades gerais do Posto?

«Dificuldades em contactar com os estudantes não houve. Falei com o Toni Moreira e ele acabou por convocar o resto dos colegas. Tivemos várias reuniões, onde explicamos o que pretendíamos; fizemos um relatório das actividades, trabalhamos em conjunto na sua estruturação e depois a concretização é que tem sido um bocadinho mais difícil; primeiro porque as crianças continuam na sua maioria abandonadas por aí, sem virem às actividades aqui ministradas, nem sequer às próprias aulas. Por sua vez, também tem havido um bocadinho de falta de entusiasmo por parte de algumas professoras o que tenho muita pena em dizer, e talvez também os estudantes não estejam muito habituados a lidar com as crianças, pois são todos muito novos saídos do liceu, e não estão ambientados nestes contactos directos, salvo raras excepções. São estas as dificuldades maiores, já não falando nas financeiras e outras oficiais mesmo.»

D. E. — Quanto à legalização do Posto de Trabalho?

«Estamos à espera da legalização tão prometida, de dia para dia, hora a hora. Na sexta-feira passada, o major no Porto informou-nos que seria no máximo até ao dia 19, legalizado o Posto e que seria o primeiro a ser oficializado, na medida em que está a trabalhar há 2 meses, precisamente a partir do dia 15 de Fevereiro.»

Portanto estamos contentes por isso, simplesmente não temos a certeza se nos irão contar o retroactivo e também se as despesas que fizeram os estudantes em transporte irão ser pagas. Quanto a este último ponto a Comissão de Gestão já organizou uma campanha de angariação de fundos na qual contamos já com espectáculos de teatro, jogo de futebol, e outras actividades.

D. E. — Qual o objectivo do «Centro de Juventude 25 de Abril»?

«Demos esse nome ao Posto de Trabalho do Serviço Cívico de apoio às escolas primárias da Aguda e Arcozelo. O objectivo principal é portanto o apoio às crianças na idade escolar, fora do seu tempo lectivo. E também algumas crianças mais pequenas que aparecem muitas vezes com os irmãos que os traziam e trazem muitas vezes até para a escola.»

É esse o objectivo directo e para já.

Depois se tivermos possibilidades mais amplas, serão também abrangidos os pais. Principalmente aqueles que ainda estão analfabetos (em grande número). Temos prometidas as instalações duma Colónia de Férias aqui na Aguda onde existe piscina, etc. Portanto quando possuirmos essas instalações poder-se-á fazer algo mais no nosso plano de actividades.»

D. E. — Qual o número de servidores cívicos e quantos são os locais de trabalho?

«Servidores Cívicos para já são 59, oriundos de Espinho (na sua maioria) do Porto e daqui de Arcozelo. Os locais de trabalho distribuem-se por 4 edifícios escolares, de manhã e de tarde.»

As actividades ministradas são actividades desportivas, artísticas, musical, literária e também apoio ao estudo.»

Assim terminou a D. Maria Helena as suas declarações. Ao descermos as escadas do edifício, ainda encontramos a Alice, que nos confiou:

«Chamo-me Alice Maria Pereira Baptista e tenho 7 anos. Ando na 1.ª classe.»

Aqui fazemos muitas coisas: os deveres, trabalhos manuais, música, e jogos. Gosto muito de vir cá.

D. E. — Se não estivesses aqui onde estavas?

«Em casa a brincar.»

A Alice foi para o recreio e nós demos por concluída a reportagem. Antes, porém, a D. Zulmira Borges, directora da escola primária, ainda nos falou sobre o auxílio recebido da Junta de Freguesia local que, para arranjo e construção nos recreios de instalações desportivas, vai dispendir perto de 200 contos.

Assim como o material desportivo já pedido, os miúdos da Aguda terão possibilidades de desenvolver-se desportiva além de intelectualmente.

Despedimo-nos e agradecemos. Deixamos para trás aquele projecto que está a passar à realidade. Desejamos a sua total concretização para bem de todos: estudantes, professores e... miúdos da Aguda.

D. E.

Fim de Semana • 101 EM FOCO

1. Manda o espírito de justiça que se actualize o que na última semana aqui se escreveu sobre a entrevista dada ao *Figaro* pelo Cardeal Patriarca.

Embora não desmentido o seu teor, o certo é que posteriormente o Patriarca deu a *Le Monde* outra entrevista em que coloca a posição da Igreja em face da situação política portuguesa num plano muito mais compreensivo, razoável e ponderado; ou fez nova análise da situação e modificou a sua maneira de ver, ou a primeira entrevista saíu deturpada e não se deu ao incómodo de a rectificar, como fez o Bispo do Porto com as brincadeiras de um teleograma de uma agência noticiosa que lhe atribuiu, afirmações numa entrevista a sair em *Il Giorno*, e que ele logo desmentiu, assim como o jornal veio a desmentir que algum colaborador seu tivesse feito qualquer entrevista com o Bispo do Porto.

Outrossim as conclusões da Assembleia Presbiterial da Diocese do Porto são de molde a demonstrar uma posição nova da Igreja.

Tudo isto nos leva, por espírito de justiça, a actualizar o comentário anterior.

Neste período, de destoante, na matéria, apenas nos chegou a nova, também por telegrama de agência noticiosa, de que o Rádio Vaticano teria aconselhado a orientação de voto dos católicos portugueses.

Mas teria? Se o tivesse feito, seria intromissão já no plano estatal na vida política de outro Estado. Mas repetimos: Teria?

É que a campanha internacional contra a situação política portuguesa é de tal ordem que temos de pôr em dúvida tudo o que venha de jornais estrangeiros e de certas agências noticiosas.

2. Os mais responsáveis políticos (e nem só políticos) devem ter muito cuidado com as afirmações que fazem nessas entrevistas dadas a órgãos de informação estrangeira. O relatório preliminar sobre o 11 de Março demonstra-o claramente.

Em devido tempo aqui assinalamos o efeito nefasto de afirmações alarmistas (e infundamentadas) dos secretários gerais de dois partidos da coligação feitas à televisão espanhola e a jornais estrangeiros.

Verificado que esse alarmismo foi campo explorado para o golpe de 11 de Março, daqui resulta que, se não fosse a revelação de que, se o golpe triunfasse, um desses secretários gerais teria sido eliminado fisicamente, o certo é que o seu partido ficaria agora em situação pouco apreciável.

Acreditamos que se tenham ambos deixado contagiar pela onda alarmista e, procurando explorar o futuro eleitorado e atraí-lo a si, tenham agido de boa-fé. Mas a verdade é que a sua atitude, a um, podia ter-lhe custado a vida.

Quanto ao outro — fiquemos na convicção de que agiu de boa-fé e sem se dar conta do proveito que viria a ser tirado das suas afirmações.

Seja como for, a posição é ingrata. Talvez o Brigadeiro Saraiva de Carvalho ao ter declarado à B.B.C. que nenhum partido político lhe merecia consideração

(se é que o disse), lá tivesse muito fundadas razões para o fazer, ainda que, à primeira vista, a afirmação possa parecer chocante.

Mas todos lhe conhecemos a fraqueza da sinceridade.

Que, quando ele falou da posição do embaixador dos Estados Unidos após a intenção de Março, também talvez tivesse razões para pensar o que pensava: veja-se no relatório preliminar do 11 de Março, a notícia de um jornal francês que denuncia um próximo golpe de Spínola, entendido com aquele embaixador, que, afirma o jornal, é personalidade com posição de relevo na C.I.A.

Leiam a fotocópia desse jornal nos documentos anexos ao relatório.

2-1.

O meu amigo Santos é um tifoso pelo F. C. do Porto.

Por isso mesmo tenho a detestável impertinência de estar sempre a arrelia-lo com os desaires do F. C. do Porto.

Dias depois do Porto-Leixões, quando os adeptos do Porto mimosearam o árbitro com uma saraivada de pedradas e lhe racharam a cabeça, encontrei-o de passagem — íamos ambos com pressa, em sentido contrário — e, no tempo de um aperto de mão, disse-lhe qualquer coisa como «você andam a rachar a cabeça aos árbitros e agora vão jejuar umas semanas», ao que ele se riu.

Seguimos caminho e um sujeito que vinha atrás de mim e, pelos vistos, ouviu a troca de palavras, colocou-se a meu lado a comentar, voltado para mim, que tinha sido bem feito, que os árbitros são isto e aquilo, etc., etc.

Mandava a justiça que eu o contrariasse e lhe dissesse que nunca se justificavam actos de violência, que desporto é desporto, que e mais que, aquelas coisas que se devem dizer na circunstância e ninguém ouve.

Mas como (já o escrevi a semana finda) sou um comodista, limitei-me a sorrir e calar; doutra forma o homenzinho, mais tifoso que o meu amigo Santos, atirava-se a mim.

Deu resultado. De momento tomou o meu sorriso por concordância e lá se foi todo contente.

3-2.

Ora esta mentalidade desportiva, tão enraizada entre nós, esta clubite, através de tantos anos único meio de libertar recalcamientos, reflectiu-se claramente no processo de propaganda eleitoral passado.

Na verdade, a propaganda foi tratada na base de *partidarite* e ao mesmo nível de mentalidade dos tifosos futebolistas.

Houve o mesmo tratamento de palavras que a assistência do clube da casa dirigiu aos jogadores adversários e aos árbitros, as mesmas caneladas, as mesmas interrupções de desafios, as mesmas invasões de campo, etc.

Moral da história: nossa preparação política ainda está ao nível da nossa fute-bolice.

23-4-75.

Vasco Luís

PORTUGAL E O 3.º MUNDO

Ultimamente fala-se muito em 3.º mundo, via terceiro mudista para Portugal, etc.

Em primeiro lugar, e concretamente o que vem a ser o 3.º Mundo? Considerando uma divisão dos países do mundo em países desenvolvidos altamente industrializados, países em vias de desenvolvimento e países subdesenvolvidos, a expressão 3.º Mundo, designa precisamente este último grupo. Estes países estão situados na América Latina, África, sul da Ásia e Médio-Oriente.

Os principais problemas com que se debatem os povos subdesenvolvidos são a fome, a falta de assistência médica e o desemprego, agravados com a alta taxa de natalidade que é cerca de 2 vezes a da Europa e com a baixa média de anos que os adultos têm de produtividade, o que vai impedir o desenvolvimento das estruturas necessárias à satisfação das necessidades básicas da população.

O Terceiro Mundo, vai ser o principal ponto de apoio do sistema capitalista, depois da grande crise de 1929, pelas formas neocolonialistas de exploração: verifica-se então, a acção dos Estados Unidos no alargamento do seu império começando por apoiar a descolonização dos países colonizados pela França e Inglaterra para imporem eles mesmos o seu tipo de exploração: a pretexto de apoio técnico e financeiro, pois era o único país capitalista que mantinha intacto o aparelho produtivo após a 2.ª Guerra Mundial, os Estados Unidos pilhavam os recursos naturais desses países, aproveitando uma mão-de-obra barata. (6 por cento da população E. U. — utilizam em seu proveito 60 por cento dos recursos minerais do globo).

Esta sobre-exploração vai provocar nesses países contradições enormes: uma

burguesia nacional e aliada do imperialismo e uma imensa massa miserável e explorada, o que é uma condição essencial de revolta. Logo, não podemos ver o 3.º mundo como um conjunto de «países proletários», como uma realidade oposta ao sistema capitalista. Como vemos, nestes países debatem-se também dois sistemas, o capitalista e o socialista, o facto de, ultimamente, serem frequentes as lutas destes povos pela autonomia e o fim da exploração, como são os casos do Vietname, Coreia, Cuba, Chile, Peru, e países africanos, é a enorme contradição de classes gerada, e as condições miseráveis em que o povo vive.

O problema que se põe em Portugal é também o da escolha entre capitalismo e avanço para o socialismo. As condições económicas, sociais e políticas portuguesas; rejeitam à partida uma via democrático-burguesa, seja pelo baixo estadió de desenvolvimento das forças produtivas seja pela fraqueza da burguesia nacional, que assentou o seu domínio na sobre-exploração dos trabalhadores na Metrópole e na exploração colonial.

É assim que se vê em Portugal por parte dos sectores políticos progressistas e defensores do socialismo, a tentativa de uma forte aliança com os povos das ex-colónias e também uma abertura relativamente aos povos Arabes, produtores de petróleo, e povos do 3.º mundo que lutam pela sua libertação.

Pelo contrário, as forças políticas reaccionárias e social-democratas apostam na via europeia e na integração económica no mercado capitalista ocidental, que é afinal um meio, por parte da burguesia capitalista de recuperação do domínio que vê perder em Portugal.

A. SALVADOR

RASCUNHOS

Pertenço, há largos anos, a um grupo não legalizado, sem estatutos, nem sócios, nem quotas obrigatórias ou voluntárias, mas largamente dotado de adeptos e simpatizantes.

Trata-se do clube dos AMIGOS DA NOITE, também conhecido pelo nome de FILHOS DO LUAR. Não é uma associação secreta apesar de actuar sob a capa da escuridão. É simplesmente um conjunto de indivíduos para quem a noite é boa conse-lheira.

O sono só me ataca — salvo raras e honrosas excepções — de manhã. É de noite que me sinto bem e só a obrigatoriedade do trabalho me impõe por vezes o regressar a penates.

Aliás de noite até é muito mais agradável vaguear pelas ruas. Há menos barulho, menos encontros, menos carros em movimento, menos poluição. Pena é não se poder juntar a todas estas vantagens uns rai-zinhos de sol até porque — e aqui está um dos poucos contras da noite — frequentemente a temperatura sob as estrelas faz tiritar um poucozinho.

Vem tudo isto não como uma confissão de um dos meus vícios mas sim para servir de introito a uma das histórias curiosas que gosto de transmitir nas minhas rascunhações.

A coisa não se passou comigo

C. P. M.


mas não tenho a menor dúvida de que foi autêntica.

Já depois da meia noite um grupo de rapazes — rapazes do meu tempo — saiu da sede da Académica para que cada um fosse meter o cadáver entre lençóis. Como bons AMIGOS DA NOITE, foram pela rua 19 acima, até se deterem, em amena cavaqueira, frente à residência de um advogado então cá residente.

Não sei por que carga de água, depois de muitas conversas cruzadas, caiu-se num autêntico concurso de beleza, concurso em que essa rapaziada constituía o juri. Mas, o que não deixa de ser engraçado, não se tratava de eleger nem a Miss Mundo nem sequer a Miss Rio Largo. O sufrágio destinava-se a entronizar dois Místers de Espinho — o mais feio e o mais bonito. Coisas da noite...

Pois o debate travou-se tão vivo, tão barulhento que, em determinada altura, se abriu uma janela. A ela assomou o nosso amigo jurista, que disse, mais ou menos isto: «Vocês são uns tipos muito simpáticos, muito engraçados, até muito agradáveis, mas ficava-vos muito grato se resolvesseis ir fazer a vossa eleição para outra bandas, longe da minha casa, porque quero dormir».

E lá ficaram os Místers Espinho por eleger.

| | | |
|---|-------------|---|
|  <p>Restaurante Snack — Discoteca CABANA</p> | TEL. | |
| | 9 | 9 |
| | 2 | 2 |
| | 1 | 1 |
| | 3 | 9 |
| 2 | 6 | |
| 2 | 6 | |

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca
Aos domingos — *Matinée*
Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

 **Decorações Lider**

TAPETES — ALCATIFAS
CARPETES — PAPÉIS DE PAREDE

DE JACINTO VALENTE DOS SANTOS
Rua 18, 991 • Telef. 920723
ESPINHO

A "Defesa" precisa de mais assinantes

Notariado Português

Primeiro Cartório da Secretaria Notarial da Feira. A cargo do notário Licenciado Alfredo Bosch da Graça.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 14 de Abril de 1975, exarada de fls. 94 v. a 96 v. do livro D-15 de escrituras diversas do 1.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira, a cargo do notário Licenciado Alfredo Bosch da Graça, foi constituída entre António Pinto de Castro, José Vieira de Castro, Domingos Vieira de Castro, André Vieira de Castro e Fernando Vieira de Castro, uma sociedade comercial por quotas sob a firma «António Pinto de Castro & Filhos, Limitada», nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «António Pinto de Castro & Filhos, Lda», tem a sua sede e estabelecimento no Lugar dos Ribeirinhos, da freguesia de Paramos, concelho de Espinho, e durará por tempo indeterminado a contar do dia 1 de Maio do ano em curso.

2.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 1 000 000\$00, representado por 5 quotas, sendo uma de 40 000\$00 do sócio António Pinto de Castro, e uma de 240 000\$00 de cada um dos restantes sócios.

3.º

Aos sócios poderão ser exigidas prestações suplementares de capital mediante deliberação unânime deles, tomada em assembleia geral.

4.º

A administração e gerência da sociedade ficam afectas a todos os sócios, com exclusão do sócio José Vieira de Castro; serão dispensadas de caução, e remuneradas ou não; conforme em assembleia geral for deliberado.

5.º

Qualquer dos gerentes poderá assinar nos serviços de mero expediente e nos actos de constituição de mandato judicial; porém, nos demais actos que obriguem a sociedade é sempre necessária a assinatura, em conjunto, de 2 dos gerentes.

6.º

A sociedade poderá constituir mandatários nos termos do artigo 256 do Código Comercial; não obstante isso, poderá qualquer dos gerentes delegar os respectivos poderes em quem entender, com o acordo dos restantes.

7.º

Constitui objecto da sociedade o exercício da indústria de tanoaria mecânica, podendo dedicar-se a qualquer outro que os sócios acordem e que a lei consinta.

8.º

Em ampliação dos poderes normais de gerência, os gerentes poderão comprar, trocar e vender viaturas automóveis para o da sociedade, e tomar de arrendamento, ou por meio de concessão de exploração, quaisquer locais ou estabelecimentos nos termos que melhor entenderem.

mentos nos termos que melhor entenderem.

9.º

A sociedade poderá dissolver-se pela maioria absoluta do capital.

10.º

Fica proibida a intervenção dos gerentes em quaisquer actos estranhos aos negócios sociais, designadamente em letras de favor, fianças, abonações e outras responsabilidades similares; não poderão os sócios por si, por interposta pessoa ou mesmo associados, exercer qualquer actividade concorrente com o objecto explorado pela sociedade.

§ único — O contraventor responderá individualmente pelas obrigações que assumir e perderá em favor dos seus sócios o que de lucros lhe pertencer no ano em que a infracção fôr cometida.

11.º

A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos de insolvência ou falência do sócio titular, arraste, arrolamento ou penhora da quota ou de venda ou adjudicação judicial, ou ainda mesmo no caso de infracção verificada nos termos do artigo 10.º; a amortização será feita pelo valor da quota apurado no último balanço aprovado e será paga em 5 prestações trimestrais e iguais, considerando-se feita com o depósito efectuado da 1.ª prestação, à ordem de quem de direito, na Caixa Geral de Depósitos.

12.º

Os herdeiros do sócio falecido far-se-ão representar na sociedade, bem como a sua viúva, por um só deles, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa; se eles quiserem apartar-se da sociedade, a esta darão disso conhecimento, e dela receberão o que se averiguar pertencer-lhes por meio de um balanço para o efeito dado, em 4 prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro da taxa de desconto do Banco de Portugal e mais 2% salvo o direito de antecipaçaõ.

§ único — A comunicação desta resolução será feita à gerência dentro de meio ano a contar do evento.

13.º

Quando a lei não determine outros prazos e formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de 10 dias.

14.º

A cessão de quotas a favor de estranhos depende do consentimento da sociedade, a qual poderá, em primeiro lugar, e qualquer sócio poderá, em segundo lugar, preferir na aquisição.

Está conforme o original.

Vila da Feira, 16 de Abril de 1975.

O Ajudante da Secretaria,
(ilegível)

N.º 2248 — Defesa de Espinho-3-5-1975

UM OLHAR SOBRE ANTIGOS ACONTECIMENTOS

O mar, causa de sofrimentos

Em Fevereiro de 1906, a igreja começou a estar em perigo e por isso foram pedidas urgentes providências ao governo de Sua Majestade, que não se fizeram esperar. Daqui resultou que técnicos responsáveis aconselhassem construir uma muralha de defesa que, uma vez aprovada, imediatamente se começou a executar. Esta foi assente em estacas, por sua vez firmes na rocha e que teve o comprimento de 350 metros, abrangendo toda a zona mais ameaçada.

Sem dúvida que, depois de concluída deu a esperança de corresponder inteiramente ao fim desejado, contudo isso não aconteceu, provocando justificada decepção!

É que, nesta altura os nossos técnicos ainda não possuíam a experiência precisa quanto aos trabalhos de hidráulica marítima, como então foi notório!

O mar tem os seus mistérios se, quem sabe, os seus caprichos?... A par duma violência difícil de combater atacava quando e onde queria reduzindo os trabalhos de defesa que se lhe opunham a simples destroços!

Enquanto foi debater frontalmente sem produzir erosão de maior, a obra em causa resistiu bem, mas na altura em que começou o desgastamento em profundidade, atacando os alicerces, pondo as estacas a descoberto, furando por elas, levando o aterro a que o muro estava encostado, deu causa a ruína total!

Passada a primeira fase do perigo, o assoramento esperado nunca mais sucedeu e a muralha ficou a ver-se inteiramente sobre as estacas!

Em 1908, o mar tornou a atacar e deu-se então um dos mais violentos assédios, pelo que se assistiu ao seu completo desmoronamento, quebrando-a em muitas partes, tornando quase inútil a sua missão defensiva!

Este facto fez perder as esperanças de salvar a igreja, dando-se a sua destruição pouco depois, bem assim da parte urbanizada do poente do Largo da Nossa Senhora da Ajuda, até à rua 19, composta de prédios de apreciável valor, o que causou profunda mágoa! Foi o princípio do desmoronamento do famoso Largo.

Na esperança de que o mar não avançava mais, a Irmandade da Nossa Senhora da Ajuda, resolveu construir uma nova Capela, próximo à rua 19, no extremo poente da esplanada da «Onda» à frente de um quarteirão de prédios de muito valia, que se prolongava desde a rua Bandeira Coelho (19), até à rua da Estação (17). Porém na invasão de 1911, o mar destruiu todo o Largo, atingindo a nova Capela e toda a linha de prédios acima referido, como ainda os que estavam para além da rua 17, estando neles incluído o novo Hotel Universal, todos de grande valor!

Assim se poderá compreender que, todo o espaço onde existem agora: Onda, Hotel e Piscina, foi recuperado, porque o mar nos deixou em paz certo tempo, até que nova e mais eficaz obra foi construída! Então, já apoiada pelos dois esporões n.º 1 e 2, construiu-se uma Esplanada artística, que o mar de vez enquanto beliscava, para por fim a destruir.

Seguidamente veio a obra frontal, que foi apresentada ao Congresso Internacional de Navegação realizado em Lisboa no ano de 1939, por dois engenheiros portugueses, tendo sido aprovada, primeiro, a defesa da Vila e depois a defesa da praia: complemento esporões. Cada metro linear da defesa frontal custou dez mil escudos. Depois da destruição da Capela, a Irmandade mudou para a Capela Santa Maria Maior, tomando por fim a sua posse, o que deu motivo a certo descontentamento, tanto por parte dos fidalgos, que de facto a construíram, tanto por parte da igreja Matriz, gerando-se por isso dois grupos que vieram levantar polémica quanto aos direitos da Irmandade! Porém tudo passou em bem. A Ca-

pela está ao serviço de todos, é de Espinho!

Assim desapareceu, para nós, o saudoso Largo de Nossa Senhora da Ajuda, com as suas tradições: brilhantes arrajais, de cerimónias festivas com coreto permanente onde se festejavam dias assinalados com concertos musicais, no caminho dos crentes para a sua igreja, centro das suas convicções religiosas, grande palco de exibições de feição popular com o colorido das suas inúmeras variantes. Rocio recreativo duma terra que a sua população teimava em fazer grande com todos os sacrifícios inerentes — e tantos foram — mercê do trabalho e canseiras como imperativo do dia a dia em que as facilidades demasiadas não contavam, porque a luta pela sobrevivência era dura.

Hoje implantou-se em parte do referido Largo um novo Rocio de características um tanto diferentes, menos sentimentais, é certo, mas que representa indiscutivelmente, testemunho do progresso duma terra que se tornou cidade, que uma Comunidade humilde deu início, eida. de estuante de anseios a caminho de novos rumos!

Não queremos acabar este resumo de passados acontecimentos sem acrescentar o que segue: Com as invasões do mar os pescadores foram os mais castigados, pois foram perdendo ano a ano as suas habitações, algumas de apreciável valor. Mas o seu amor ao mar, levava-os a ficar junto dele, que os não poupava, mercê duma perseguição sem tréguas! Se naquele tempo os processos modernos de defesa tivessem sido possíveis, os pescadores hoje seriam menos pobres, mas a natureza dos elementos — em feição de castigo — não se compadeceu deles, como ainda de outros proprietários mais remediados: não havia discriminação!

O mar tinha duas maneiras de atacar, mas a mais perigosa era a que por meio duma erosão profunda atingia os alicerces dos prédios a destruir o que por vezes fazia só numa maré. A outra menos perigosa, dava-se quando atacava a lavar — como então se dizia — avançando em vagalhões, entrando nas ruas, arrombando portas e inundando os interiores das habitações, fazendo boiar utensílios, submergindo quase totalmente as camas, causando aflições bem sérias que, — felizmente apesar de grave, nunca causava vítimas mortais! A benignidade destas invasões, obrigavam, contudo a tomar precauções, especialmente quando das marés vivas (lançamentos) avisados com antecedência por marés menos fortes (quebradas), designação vareira.

A verdade é que não era fácil saber o que iria acontecer! Com esta qualidade de marés os habitantes não abandonavam as casas, mas de noite havia vigilância e o alarme era dado e algumas vezes tinham de fugir apressadamente!

Já com as marés perigosas, aboletavam-se em casas amigas, mais distantes, até o perigo passar! Das casas à beira das barracas, tiravam-se as portas e janelas e tudo mais que se pudesse salvar, inclusivamente a telha. Se o perigo passava, tudo se repunha no lugar e às vezes demorava largo tempo sem nada mais haver! Gastavam-se então largas quantias a construir tapadas, com fortes troncos de pinheiro e grossa madeira bem pregada, em frente das casas ameaçadas! As vezes, tal espécie de defesa tornava-se em retardadora, outras, o mar prontamente as destruía!

Que tempos de amargura então se passaram, de lágrimas à mistura com sofrimentos de toda a espécie.

Temos fé que não voltará mais, o que deixou tantas cicatrizes que só o tempo foi curando, e que revivemos hoje, um tanto para prestar à geração demasiadamente castigado, o que julgamos ser um tributo ao seu sofrimento!

J. TATO

POEMAS DE MAIO

Ressuscitaram pássaros dos teus olhos
meu País que pausadamente
constroem ninhos
nos teus cabelos loiros.

1 de Maio de 1974

Manuel Lopes

FÁBRICA PROGRESSO

Manuel Francisco da Silva & C.a, L.da

Esmaltagem — Alumínio — Fundição

Serralharia mecânica e civil

Louças esmaltadas e de alumínio — fogões a gaz

Banheiras esmaltadas — Placas esmaltadas

Cofres — Ferros de engomar

Exportação para o Ultramar

Tele { gramas: FÁBRICA PROGRESSO
P. P. C. 92 00 27 e 92 02 57 — ESPINHO

**Colabore
para uma cidade limpa**



ÁGUAS DE CARVALHELHOS

nascente de vida

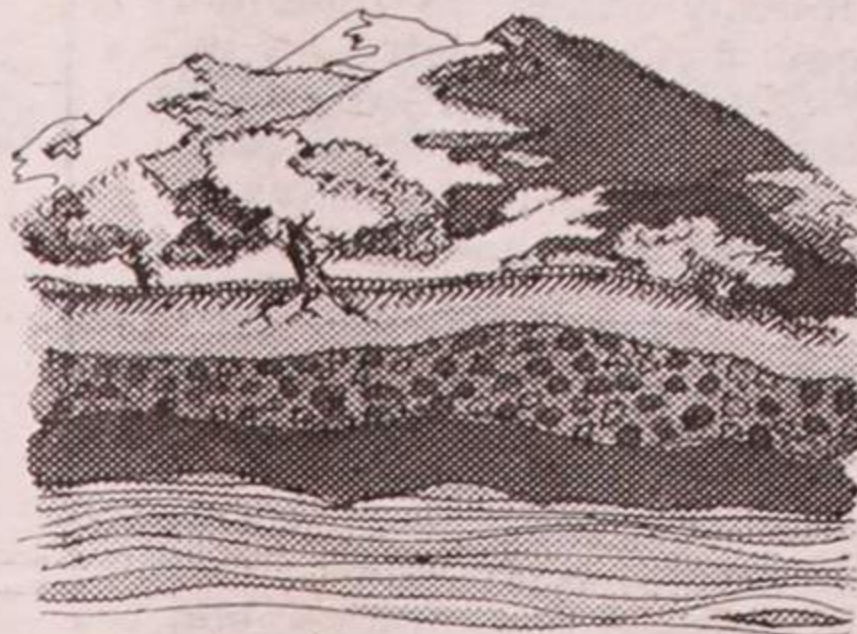
SUB-AGENTE EM ESPINHO

Quintas, Faria & Bernardes, L.da

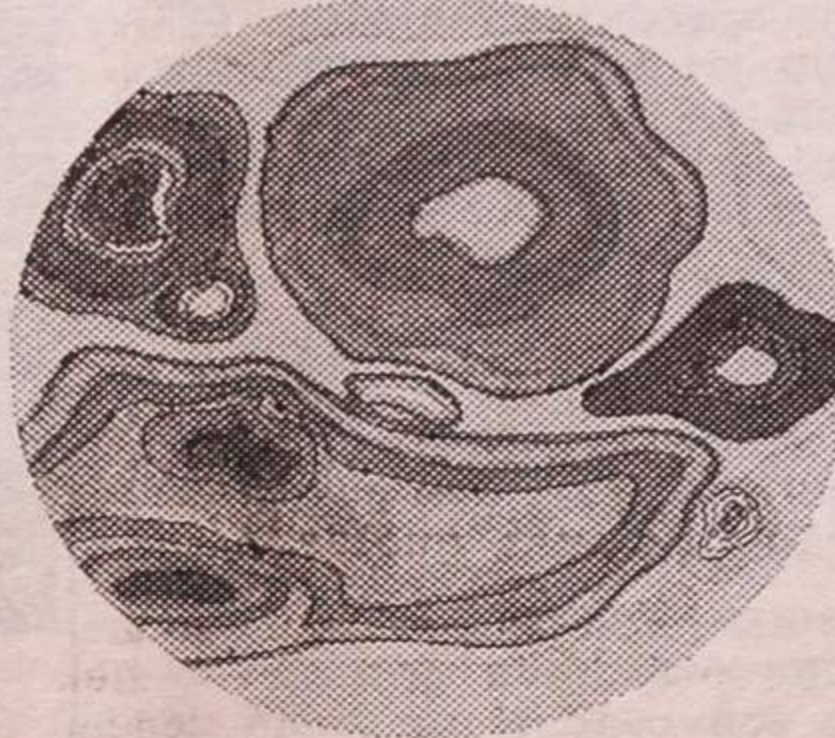
Ruas 16 n.º 766 e 25 n.º 367 — Apartado, 38 — Telefone, 920190 — ESPINHO



As Águas de Carvalhelhos, biologicamente muito puras, nascem em plena montanha a 755 metros de altitude, no extremo norte de Trás-Os-Montes, na região do Barroso.



Nascem do ventre da terra, de uma nascente profunda inserida em rocha granítica. São equilibradamente ricas em flúor e de baixa mineralização, o que por um lado as recomenda para a 1.ª infância com vista à formação e robustecimento dentário e por outro as torna excelentes águas de mesa, leves e digestivas.



As suas qualidades minero-medicinais podem atribuir-se ao facto especial de terem uma mineralização diminuta favorecendo a normalização da vida celular do corpo e a eliminação de substâncias tóxicas do organismo. A equilibrada composição mineral da Água de Carvalhelhos permite-lhe penetrar mais facilmente nas células arrastando os elementos tóxicos, ao mesmo tempo que favorece a sua abundante eliminação pelos rins acelerando o circuito vital da água no organismo.

Águas de Carvalhelhos — Águas Minero - Medicinais (1)

As Águas Minero-Medicinais de Carvalhelhos, são — igualmente como as águas de mesa — as que brotam, junto à povoação que lhes dá o nome, no concelho de Boticas, bem captadas, de duas fontes próximas, de caudal diferente para cada fonte mas constante em cada uma delas. Esta constância de caudal, tanto no verão como no inverno, bem como a da temperatura, são características das águas de origem profunda e não das águas de origem superficial, de filtração.

Por outro lado, a existência de gases raros e de elementos químicos em doses pequeníssimas, como sucede em Carvalhelhos, vem completar as características das águas de origem profunda, conjuntamente com a sua baixa mineralização que é de cerca de um quarto de grama por litro. Embora pequena, também as Águas de Carvalhelhos possuem radioactividade (1,9 m.m. c/l.) como igualmente é próprio das águas profundas.

Poderá então perguntar-se: «Mas que maior interesse podem ter as águas de origem profunda?». Responderei: — Está provado que são águas de maior poder energético e curativo.

Sendo assim, uma outra dúvida pode surgir: «E esse poder energético e curativo reside só nas águas minero-medicinais ou também nas de mesa?».

Começarei por referir que as Águas de Carvalhelhos são apenas uma mesma água que ao mesmo tempo, é minero-medicinal e de mesa. Fala-se em águas medicinais e quando são bebidas na emergência ou na fonte, por ser aí que elas possuem maior

poder curativo. No entanto, relativamente a Carvalhelhos, isso é menos real do que para outras águas, visto que as Águas de Carvalhelhos conservam durante muito tempo, mesmo engarrafadas, as qualidades curativas, pois contrariamente à vulgaridade das águas engarrafadas, que envelhecem rapidamente fora das fontes, que precipitam ou flocuam nas garrafas, as Águas de Carvalhelhos conservam-se inalteráveis.

Sendo assim é muito difícil dizer quando estão velhas e não é para admirar a frequência com que aparecem doentes na Estância Termal, referindo melhorias dos seus males por virtude das águas das garrafas bebidas em casa.

Em síntese, podemos dizer que as águas naturais, vendidas em garrafas brancas, são as águas minero-medicinais e que as águas gaseificadas serão as águas de mesa: águas para matar a sede, para refrescos, para juntar ao vinho ou ao uísque, etc.

Não interessará muito analisar aqui, no necessariamente curto espaço deste pequeno artigo, a composição química integral das Águas de Carvalhelhos, mas importa referir que são águas muito pouco mineralizadas e como tal são muito bem absorvidas, com circulação rápida no organismo e muito bem eliminadas, o que constituirá uma das maiores, senão a maior das suas qualidades: o efeito diurético e desintoxicante.

Igualmente interessa referir que as Águas de Carvalhelhos são silicatadas e muito fluoretadas, com gases raros em dissolução e elementos químicos também raros, em pequeníssima quantidade, — ele-

mentos estes que dantes seriam desprezáveis, por então se supor que as águas valiam pela sua rica mineralização. Hoje, porém não se pensa assim e — ao contrário — atribui-se um altíssimo valor a esses elementos em pequeníssima quantidade, pois parece que eles intervêm para tornar as águas mais energéticas e, portanto, mais activas.

Julgo, quanto a este aspecto, ter dito o que de essencial se pode dizer com certa segurança já que há qualquer coisa de especial que escapa à análise, uma espécie de «alma» de cada água que só a observação médica tem podido de certo modo supor e desvendar. Assim, tem sido através de milhares e milhares de doentes já tratados na Estância Termal e de outros tantos que têm feito uso das águas em casa, que as indicações terapêuticas têm sido definidas e postas.

É da tradição aconselhar as Águas de Carvalhelhos para as doenças dos rins, da pele e dos intestinos, mas isso não significa que se possam limitar a esses campos, as suas indicações. Águas essencialmente diuréticas, sedativas, com notado poder normalizador, renovadoras do meio interno, as Águas de Carvalhelhos são desintoxicantes e só como tal, de grandes benefícios num grande número de situações crónicas bem como de situações insidiosas do dia a dia intoxicante das poluições modernas. Por isso, beber as Águas de Carvalhelhos é não só tratar como também prevenir.

A Gonçalves Moreno

Dir. Clínico das Termas de Carvalhelhos

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro:

Certifico que, por escritura de 21 de Março de 1975, lavrada a folhas 48 verso do livro de notas para escrituras diversas D-9, deste cartório, Manuel da Silva Ribeiro e Carminda Valente constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na rua vinte e nove, número setecentos e catorze, esquina da vinte e quatro, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho e a sua duração é por tempo indeterminado, a contar de um de Abril próximo futuro.

Segundo — O seu objecto é o exercício da actividade de bate chapas e pintura de vehiculos automóveis, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de trezentos mil escudos e corresponde à soma de duas quotas iguais de cento e cinquenta mil escudos cada uma, por cento e cinquenta uma a cada um deles sócios.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos, depende do consentimento do sócio não cedente.

Sexto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios que desde já são nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de um deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

Sétimo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos para que a lei exija outra forma de convocação.

É fotocópia parcial, da escritura lavrada de folhas quarenta e oito verso, a folhas quarenta e nove, verso, do livro de notas para escrituras diversas D-Número nove, deste cartório.

Está conforme ao original, no qual nada há em contrário ou além do que fica fotocopiado.

Espinho e Cartório Notarial, vinte e sete de Março de mil novecentos e setenta e cinco.

A Ajudante do Cartório,

Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho

N.º 2248 — Defesa de Espinho — 3-5-1975

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho

Tudo para Fotografia e Cinema

RETRATOS
RELOJOARIA

Rua 8 N.º 645

ESPINHO

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dínamos e motores, Testes eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Móvel)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO

Residência — Telef. 964194

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro:

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Abril de 1975, lavrada de folhas 76 a 78 do livro de notas para escrituras diversas B-número quarenta, deste Cartório Notarial de Espinho, ALEXANDRE PEREIRA PEDROSA, casado, residente no lugar da Guimbra, freguesia de Anta, deste concelho, e VITORINO DOMINGUES MOREIRA, casado, residente no lugar de Aldeia Nova, freguesia de Guetim, deste concelho, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «ALEXANDRE PEDROSA & MOREIRA, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento no lugar da Guimbra, freguesia de Anta, deste concelho de Espinho, podendo criar delegações ou filiais em qualquer outro local, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

Segundo — O objecto da sociedade é o exercício da actividade de construção civil, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo em que os sócios acordem e que a lei não proíba.

Terceiro — O capital social, já integralmente realizado, em dinheiro, é de 150 000\$00, dividido em duas quotas de 75 000\$00 cada uma, pertencendo uma a cada sócio.

Quarto — A administração e gerência da sociedade são confiadas a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração especial, conforme for deliberado em assembleia geral, dividindo entre si os respectivos serviços, na forma que melhor convier aos interesses sociais.

Parágrafo Primeiro — Qualquer dos sócios poderá assinar a firma ou em nome dela nos documentos de mero expediente, mas os actos e contratos que envolvam obrigação ou qualquer outra espécie de responsabilidade para a sociedade só terão validade quando assinados por ambos os sócios, em conjunto.

Parágrafo Segundo — Fica proibido aos sócios obrigar a sociedade de favor, nomeadamente em fianças, abonações e outras responsabilidades similares, sob

pena de multa a favor da sociedade igual ao dobro da obrigação assumida.

Quinto — Aos sócios poderão ser exigidas prestações suplementares de capitais, mas só depois de isso ser resolvido e o modo como devem ser feitas em assembleia geral.

Sexto — As cessões de quotas a estranhos só poderão fazer-se com o assentimento dos restantes sócios, dado por escrito.

Sétimo — A sociedade pode dissolver-se pela simples vontade de qualquer sócio e nos demais casos previstos na lei. No caso de dissolução, ambos os sócios serão os seus liquidatários, e proceder-se-á à partilha e liquidação dos haveres sociais nas condições que entre si acordarem.

Oitavo — Em caso de morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com o sobrevivente ou capaz e com os herdeiros e viúva do falecido ou representante legal do interdito, devendo aqueles fazer-se representar por um só elemento de entre si escolhido e que a todos representará enquanto a quota se mantiver indivisa. Se os representantes do falecido não quiserem continuar na sociedade, dar-lhe-ão disso conhecimento dentro de sessenta dias, a contar do evento, e serão pagos dentro de um ano de tudo quanto se averiguar pertencer-lhes por um balanço adrede organizado, em quatro prestações trimestrais iguais, garantidas por meio de letras, com aval se for exigido, acrescidas de juro da taxa de desconto do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação.

Nono — Anualmente, e com data de trinta e um de Dezembro, será dado um balanço, e os ganhos ou perdas que forem apurados serão repartidos pelos sócios na proporção das suas quotas.

Décimo — As assembleias gerais, sempre que a lei não prescreva outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com a antecedência não inferior a dez dias.

Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 19 de Abril de 1975.

O Ajudante do Cartório

José dos Santos Sil

N.º 2248 — Defesa de Espinho-3-5-1975

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro:

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 16 de Abril de 1975, lavrada de folhas 70 a 72 do livro de notas para escrituras diversas B-Número 40 deste Cartório Notarial de Espinho, os senhores AMÉRICO RODRIGUES DA SILVA e JOSÉ FERREIRA DA SILVA, ambos casados, residentes nesta cidade de Espinho, respectivamente, na Avenida Vinte e Quatro, 249, quarto andar, e Rua Onze, 750, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma de «RODRIGUES & FERREIRA, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na Rua Sessenta e Dois, número 73, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, com início nesta data.

Parágrafo único — Por simples deliberação da assembleia geral pode ser mudada a sede social e criadas ou extintas filiais ou outras formas de representação social, em qualquer localidade do país.

SEGUNDO — O seu objecto é a divulgação e comercialização de meios fotográficos, de iluminação, de áudio e similares, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 350 000\$00, e corresponde à soma das quotas dos sócios do seguinte modo: Américo Rodrigues da Silva, com uma quota de 300 000\$00; e José Ferreira da Silva, com uma quota de 50 000\$00.

QUARTO — Os sócios podem prestar os suprimentos que a assembleia geral delibere pedir e em condições a fixar em acta para cada caso.

QUINTO — A cessão de quotas entre sócios, seus cônjuges, descendentes ou ascendentes são livres, bem como a respectiva divisão. A cessão de quotas, total ou parcial, a estranhos fica dependente do consentimento dos sócios não cedentes, gozando a sociedade, em primeiro lugar, do direito de preferência, e qualquer dos sócios em segundo lugar.

SEXTO — Por deliberação da assembleia geral poderá ser aumentado o número de sócios.

SETIMO — A gerência, dispensada de caução, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

Parágrafo primeiro — Os gerentes vencerão a remuneração que a assembleia geral fixar, podendo fazer-se representar por pessoas estranhas à sociedade, com acordo da assembleia geral.

Parágrafo segundo — Todos os documentos, mesmo de responsabilidade, podem ser assinados por um só gerente ou pelos representantes de ambos conjuntamente.

Parágrafo terceiro — A sociedade não pode ser obrigada em actos ou contratos de responsabilidade alheia, tais como fianças, abonações ou letras de favor.

Parágrafo quarto — A representação da sociedade em juízo será feita por um dos gerentes nomeado em assembleia geral.

OITAVO — Anualmente e com data de trinta e um de Dezembro será feito balanço das contas sociais, que deverá ser aprovado até trinta e um de Março

colormar

FOTOGRAFIA

- SOMOS ESPECIALIZADOS EM FOTOGRAFIA DE BEBÉS
- DECORE A SUA CASA COM POSTERS DO SEU BEBÉ
- APROVEITE OS NOSSOS PREÇOS DE LANÇAMENTO
- TEMOS UM MODERNO ESTÚDIO ELECTRÓNICO E LABORATÓRIO PRÓPRIO DE FOTOGRAFIA A CORES

Direcção técnica de ALBERTO PINHO

— VISITE-NOS NA RUA 62 N.º 105 — ESPINHO —

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES COMPRA • VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração.

Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943

— ESPINHO —

Telefone, 921412

do ano seguinte, e os lucros apurados serão distribuídos pelos sócios na proporção das suas quotas depois de deduzidas as percentagens para o fundo de reserva legal, cinco por cento, ou outros que a sociedade crie.

NONO — As assembleias gerais, salvo disposição legal em contrário, serão convocadas por cartas registadas com aviso de recepção, com a antecedência de trinta dias, e dirigidas às moradas dos sócios.

DECIMO — Em caso de falecimento ou de interdição de qualquer dos sócios,

a sociedade continua com os herdeiros ou representante legal daquele, conforme os casos, nomeando os herdeiros de entre si um que o represente na sociedade, ou intervindo o seu representante legal, se for o caso.

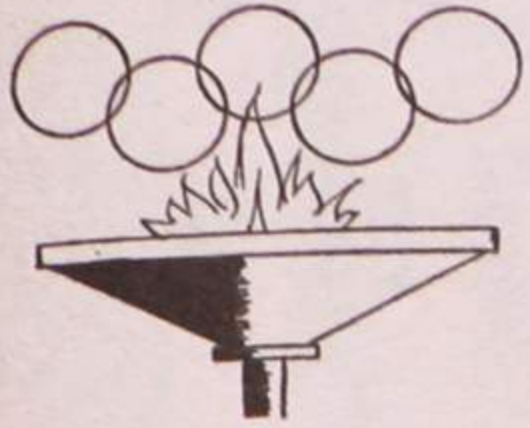
Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 17 de Abril de 1975.

O Ajudante do Cartório,

José dos Santos Sil

N.º 2248 — Defesa de Espinho-3-5-1975



desporto



Vamos modificar os hábitos errados?

Recuando alguns anos no tempo (não muitos, não muitos), verificávamos que, praticamente, a época de praia se resumia a Agosto e Setembro, já que se iniciava apenas, na 2.ª quinzena de Julho, com meia dúzia de «atrevidos» e acabava em Outubro, mas para receber a revoada dos apelidados «espanhóis da Anadia».

Ora, todo o cidadão que fugisse deste esquema de frequência da praia, era «tolo» ou a caminho disso, muito embora fosse irreversível a ideia de que o sujeito estava mais avançado em esclarecimento quanto às vantagens que tirava do uso de um salutar hábito.

Pretendemos com este intróito assinalar que, há escassos anos, a mentalidade do cidadão não estava nada, mas mesmo nada, evoluída para reconhecer, por exemplo, que o benefício é o exercício para a condição física e, por tabela, psíquica e moral, do indivíduo.

A falta de melhor, sem dúvida que a frequência da praia, com uns saltos, uns jogos, a movimentação que obriga um banho de mar, a própria natação (exercício dos mais completos), supriam um pouco a grave lacuna que as coordenadas de certa vivência radicada e com muitos anos de rotina impunham, isto é, a carência de actividade física para os cidadãos.

Depois, devido talvez a um maior esclarecimento dos cidadãos quanto à vantagem de ir (pelo menos) à praia, mexendo-se um pouco, houve muita gente a perder a «vergonha», aparecendo pelo areal, mesmo fora da tal época oficializada como própria, muitos mesmo passada a idade que (tempos antes) estaria condenada ao «parece mal», tornando-se coniventes com o punhado dos «tolos» que já lá iam, para afirmarem depois (à boca cheia) as vantagens daquilo que, tão tarde, tinham descoberto.

Fala-se, hoje, imenso no desporto de massas, fórmula essa que abrange não só os jovens, mas todos quantos têm necessidade do exercício físico como verdadeira arma de defesa no tocante às agressões sofridas mercê de um quotidiano carregado de exigências, propenso a criar carências de toda a espécie e formas defeituosas de vida.

Fala-se, efectivamente, muito nisto, todavia se a questão pode ser bem resolvida no plano da juventude, a mais ou menos curto prazo, através da introdução de esquemas escolares e, depois, com a abertura dos clubes, possibilitando-lhe as práticas físico-desportivas, não nos parece fácil inclinar os menos jovens, os não-desportistas de raiz, os que nunca aderiram, para a habituação a uma salutar, regular e precisa actividade físico-desportiva.

De facto, demasiadas pessoas continuam por demais arreigadas a costumes sedentários, arreando-se também com o parece mal, pois por exemplo, consideram mais benéfico algumas largas horas à mesa

do café, fazendo exercícios... linguais, chupando fumo, enchendo os pulmões de ar saturado, do que um passeio higiénico ao ar livre ou a frequência de um recinto onde, mesmo sem esquemas rígidos, se possam exercitar ou a frequência de zonas verdes ou praias para o mesmo efeito, com o intuito de combaterem os «estragos» proporcionados pela absorção profissional, pelo uso e abuso do automóvel, pelo sedentarismo de formas de viver desactualizadas e coisas quejandas.

Realmente, ainda hoje tantíssimas pessoas continuam adeptas da cama (falamos de tempos livres, por exemplo, domingo de manhã, se não quisermos ir mais além), crenças de que extraíam mais benefício aí do que numa actividade física ao ar livre num recinto, mesmo uma caminhada saudável.

Claro, em tudo isto não podemos excluir a ilicitude dos actuais esquemas de trabalho neste país, onde se começa a laborar incompreensivelmente bastante tarde e se acaba tarde e a más horas, não deixando tempos livres às pessoas para os aproveitarem em diversificadas e úteis actividades. Isso cria até maus hábitos de deitar tarde e, conseqüentemente, erguer tarde também, mesmo em dias de descanso.

Urge, mesmo enquanto não se alteram os sistemas de trabalho neste país, enquanto não se lançam as bases práticas para o tal desporto de massas, que se faça uma sensibilização das pessoas, mostrando-lhe as vantagens de modificar certos e caducos hábitos, encarecendo-lhes os benefícios que podem extrair duma actividade física mais ou menos regular, para melhoria da saúde, do moral, constantemente agredidos pelas incidências do quotidiano e fórmulas de vivência ultrapassadas, quer a nível profissional, quer a nível social.

Diríamos que, neste aspecto, cabe alguma iniciativa aos clubes locais e, sobretudo, à comissão local do ENDO (cuja actividade nunca mais surge e, seguramente, não foi para isso que se nomeou), fazendo não só uma campanha de sensibilização, como provocando debates públicos de esclarecimento e traçando um programa operativo para quantos quiserem ser os «pioneiros» de um auto-benefício servindo, além disso, como exemplo para quantos (e muitos, ou muitíssimos, são) não andam sintonizados com as vantagens de alterarem hábitos desusados, optando por outros comprovadamente superiores, fazendo fé em conclusões extraídas de estudos feitos em bases científicas, profundas e correctas.

Estamos na hora da arrancar ao encontro de normas novas, então vamos nisso, para melhorarmos a saúde física, psíquica e moral, dos cidadãos, pois daí advirão natural e logicamente vantagens para a própria «saúde» do país em variados aspectos.

C. S.



FUTEBOL

RESULTADOS

CAMPEONATO DISTRITAL DE RESERVAS

OLIVEIRENSE, 0—ESPINHO, 4

S.C.E. — Jorge, Gomes, Acácio, Gonçalves II, Chico, Quaresma (Eduardo), Bené, João Carlos, José Alberto, Gaúcho e Perez.

I TORNEIO DE FUTEBOL JUVENIL DE ESPINHO

P. BRANDÃO, 0—ESPINHO, 3

S.C.E. — Domingos, M. Jorge, Rachão, Rogério, Toninho, Oscar (Artur), Jesus, Brito, Amadeu, Alfredo, Sabença.

VOLEIBOL

CAMPEONATO REGIONAL DE JUVENIS

CAST DA MAIA, 0—ESPINHO, 3
15-2; 15-2 e 15-2.

ESPINHO, 3—S. MAMEDE, 1
14-16; 15-11; 15-4 e 15-6.

S. C. E. — Luís, Ricardo, Leandro, David, Alcindo, Rogério, Miranda, Néné, Martinho e Pinheiro.

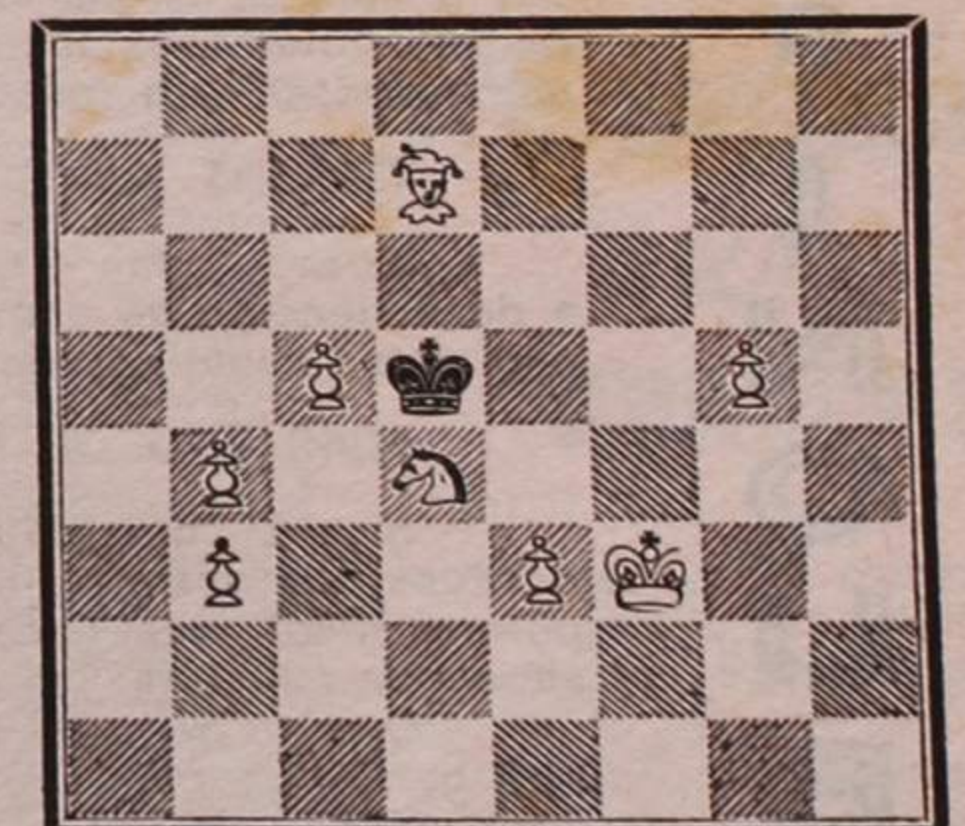
CAMPEONATO NACIONAL FEMININO

ESPINHO, 2—ESMORIZ, 3
13-15; 15-17; 15-7; 15-12 e 15-5.

S.C.E. — Lúcia, Clara, Isabel, Fátima, M. José, Amélia, Guida, Alice, Palmira e Jesus.

XADREZ

PROBLEMA N.º 8



As brancas jogam e dão mate em 3 lances.

A solução vale 8 pontos

A solução do problema N.º 7 é a seguinte:

1. Tg6, Re4; 2. Bc4, Rd4; 3. Tg4+ + Se 1. ... Rd5; 2. Bd3 Rd4; 3. Td6+ +

LEIA E ASSINE "A DEFESA"

VOLEIBOL

SENIORES

A. A. E., 3—NUN'ALVARES, 2

AAE — Monteiro, Adriano, Faustino, Aragão, Luis e Melo.

FEMININO

NUN'ALVARES, 3—A. A. E., 0

AAE — Dina, Nanda, Mena, Amélia, Tucha, Lurdes e Mira.

INICIADOS

NUN'ALVARES, 0—A. A. E., 3

AAE — Maltez, Jorge, Toni, Ricardo, Lacerda e Rui.

HÓQUEI EM PATINS

JUVENIS

A.A.E., 5—S. CAETANO, 1

AAE — Esmael, Padrão, Quim (2), Pinto, Artur (2), Alves (1) e Reis.

INFANTIS

A.A.E., (A), 15—CARV., 0

AAE — Vitor, Silva (4), Sousa (2), Vitor Hugo (3), Gabriel (6), Salvador, Paulo e Jorge.

Excelente vitória da AAE a comprovar que no norte não há oposição à sua altura.

A. A. E. (B), 3—RIO TINTO, 0

AAE — Morgado, Sá, Arsénio (1), Lima (2), Toni, Santos, Neto e Guedes.

Primeira vitória da AAE a comprovar uma subida de forma que de há muito se vinha a notar.

HÓQUEI EM CAMPO

JUNIORES

LEIXÕES, 3—A. A. E., 1

AAE — Alfredo, Catela, Mourão, Jesus, Angelo, Fernando, Henrique, Freire, Menezes, Lacerda (Alexandre) e José Carlos.

Viagem ao Brasil

De 15 a 31 de Maio

Preço módico

Agência Seguradora de

J. CORREIA LEITE

Paços de Brandão

Telefones 967859 e 967109

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

COMPRA-SE

PRÉDIO acima da linha férrea

Falar das 13 às 14 horas

Telefone 320 553



RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

* * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 132
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 2 7 3 9 3

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

Cinema



O cinema e a sua linguagem

Mais uma vez recorro a uma citação para depois a desenvolver com algumas considerações. É ela:

«Fazer filmes que não contrariem a boa ideia que fazemos de nós próprios será um bom e lucrativo negócio, e para os produtores, o cinema será, por esse motivo, uma vulgar mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura» (André de Oliveira e Sousa — *Jornal do Centro* N.º 12).

E isto porquê?

Porque muitas vezes acontece vermos um filme que nos é particularmente difícil de perceber. Então, perante várias hipóteses 2 nos podem ocorrer: ou nos culpamos a nós dizendo que nada percebemos de cinema ou somos estúpidos ou então culpamos o realizador dizendo que se exprimiu mal ou que tem a mania de fazer filmes difíceis.

Reconhecer a nossa ignorância ou im-preparação é um tanto ou quanto difícil, por isso é mais fácil culpar o realizador, e algumas vezes é de facto ele o culpado, no entanto muitos outros factores entram em jogo, porventura mais importantes.

Um deles será precisamente a im-preparação que dum maneira mais ou me-nos constante as pessoas têm em ler um filme, e digo ler porque a visão dum filme se trata dum verdadeira leitura, ainda que com certas particularidades como seja a de difícilmente e só em casos excepcionais poderemos voltar atrás para revermos uma determinada cena.

Para resolvermos este problema o que há a fazer é precisamente aprendermos a ler os filmes, tal como certa ocasião Picas-so, referindo-se às suas obras, disse a um indivíduo que o interpelou dizendo que não compreendia os seus quadros:

— O sr. percebe chinês?

— Não, respondeu o tal indivíduo.

— Pois o chinês percebe-se se o apren-demos. Também as minhas pinturas se percebem se as estudarmos.

Esta aprendizagem, tanto na pintura

como no cinema como na literatura con-siste no estudo e na aquisição por nós todos de determinados elementos comuns a toda a literatura como sejam as letras, as palavras, os verbos, etc., a toda a pin-tura como sejam as cores, as linhas, etc., e a todo o cinema como sejam os planos, os movimentos de câmara, etc.

Chegamos a um ponto em que depois de afirmarmos a necessidade que há em estudarmos a linguagem específica do ci-nema ou seja em aprendermos a ver os filmes, nos colocamos na situação de saber a maneira de obtermos o conhecimento dessa linguagem.

É aqui que como se costuma dizer a porca torce o rabo, pois pouca gente será capaz de por em pé de igualdade uma obra literária de Camões ou de Eça de Queiroz com uma obra cinematográfica de Eisens-tein ou de Godard.

As razões disto acontecer são várias, interessando-nos para aqui somente que, enquanto nas escolas se ensina a dividir as orações e a interpretar «Os Lusíadas» não se ensina a interpretar «O Coração de Potemkin» ou outro filme importante.

Desde já ficamos com a ideia então que há necessidade de introduzir o ensino do cinema (como de muitas mais coisas) nas escolas, para isso no entanto é preciso material técnico e humano, o que nos falta.

Porém antes desta necessidade se con-cretizar, outras formas há de obter os conhecimentos essenciais: vendo filmes, não somente com o sentido da distração mas também com o sentido da aquisição de mais conhecimentos e da valorização pessoal, lendo livros (embora haja poucos e caros), participando em debates com outros espectadores, etc.

Tudo são formas possíveis, desde que haja tempo e o mínimo de interesse por esta forma cultural e de comunicação entre as pessoas que é o cinema.

A. C.

GAZETILHA

Quem tal diria?

Contra o pensar dos «Velhos do Restelo»,
— Tanto os da «casa» como os do estrangeiro —
Contra o clima de medo e pesadelo...
O Povo Português votou, inteiro!

Para as urnas correu alegremente
E sem distúrbios. Só tranquilidade.
O Mundo viu, boquiabertamente,
Quanto se fez, em prol da Liberdade.

Como nós, espantaram-se os de fora,
Nessa manhã de Abril, com seis milhões
De portugueses, à primeira hora,
Correndo em massa às suas eleições.

Esta lição tão alta de civismo,
Foi muito digna de «estrangeiro ver»:
Povo em demanda dum Socialismo
Cujo «tipo» o Futuro há-de escolher...

E agora, enfim, que «a lebre está corrida»,
Impõe-se a força... dum vassourada
Que anule, na paisagem, a investida
Da côla, dos pincéis, da «papelada»!

Alberto Barbosa (BEKA)

Concurso «D. E.»

Informamos os nossos leitores que a resposta certa ao nosso 1.º concurso, do dia 19/4 era: José Gomes Ferreira.

O leitor premiado com um livro deste autor, que receberá brevemente foi o sr. FRANCISCO VICTOR DA CUNHA MAGALHÃES, de Lousada. Livro amavelmente oferecido pela LIVRALIA.

★

Identifique o autor deste poema, tão conhecido através da canção de Manuel Freire: O prémio será um single.

Não há machado que corte
a raiz ao pensamento
Não há morte para o vento
não há morte.

Se ao morrer o coração
morresse a luz que lhe é querida
sem razão seria a vida
sem razão.

Nada apaga a luz que vive
num amor, num pensamento
Porque é livre como o vento
porque é livre.

ATENÇÃO

ESPINHENSES TRABALHADORES NO PORTO

Temos Transporte Especial (directo) A partir do dia 1 de Junho de 1975
Partida de Espinho às 8,15 horas (Frente Nosso Café)
Partida do Porto às 19,20 horas (frente Estação S. Bento)

Informações e marcações: CASA XABREGAS
Rua 23 n.º 492 — Telefone 920222 — ESPINHO

ATENÇÃO — Brevemente abre ao Público PRAIA DO SOL

Com secções de DISCOTECA — novidades em discos e cassetes gravadas
VIAGENS — Aluguer Autocarros para Excursões

Organização de Viagens no País e Estrangeiro
Rua 16 — (Mercado Municipal) — ESPINHO

Camara Municipal de Espinho
Rua -19
ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO

M I N I Z A Ç ã O T I P O G R Á F I C A

O cinema como arte que é, deve estar ao serviço da sociedade, contribuindo para um melhor esclarecimento do público. Acontecerá isso em Portugal? Será esse o objectivo da programação dos cinemas da cidade de Espinho?

Quatro pessoas dizem-nos o que pensam sobre este problema.

EUGÉNIO MORAIS — Empregado de Escritório:

A programação está subordinada aos interesses dos distribuidores, tendo estes por sua vez aproveitado o factor negativo que foi conquistado no 25 de Abril e que é a abolição da censura aproveitando-se dos filmes pornográficos para manterem durante largas semanas em exibição filmes que lhes garantem volumosos lucros e ao mesmo tempo incentivam com plena consciência reacção a alienação do público.

CARLOS SILVA — Estudante:

Nota-se uma grande quantidade de filmes pornográficos e de violência que constituem receitas certas de bilheteira. Filmes estes negativos tanto no aspecto técnico como ideológico.

EDMUNDO DE OLIVEIRA — Electricista:

Nota-se que depois do 25 de Abril de 1974 os filmes exibidos nos nossos cinemas são na sua maioria filmes sexuais, pornográficos que nada têm a ver com a nossa vida sendo além disso prejudiciais para o ambiente.

Quanto a filmes russos, por exemplo, e outros que pos-sam contribuir para um esclarecimento das pessoas não temos oportunidade de ver.

EMILIA GIL — Empregada de Escritório:

Quanto ao S. Pedro o critério da programação mostra que não há o mínimo interesse em contribuir para o desenvolvimento cultural das pessoas que em elevado número procuram o cinema, quando sabemos que grande parte dessas pessoas, ori-ginárias das freguesias limítrofes, são as que têm menos acesso a uma valorização cultural.

Em relação ao Casino verifica-se o mesmo, com a agra-vante de exibirem um grande número de filmes pornográficos e ainda chamarem a atenção das pessoas sobre eles, afixando um cartaz especial.